

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor - Jamie Gilardi
- 3 Reproduzir...Soltar...Repetir – Papagaio de Porto Rico
- 6 Araras-de-garganta-azul no tráfico - Arara-de-garganta-azul
- 8 Nascido para voar livre – Arara-piranga
- 10 Uma proibição e um plano – Comércio no México
- 12 Um visitante raro – Apuim-de-costas-pretas
- 14 Medalha Carolina - Don Merton
- 16 Páginas Pet - Prevenção de problemas
- 18 PsittaNews & Eventos
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza: Arara-vermelha-grande

Mensagem do Diretor

Um aspecto da conservação de psitacídeos que nunca deixa de me surpreender é como cada projeto apresenta suas características particulares de desafios e oportunidades. Algumas ameaças são praticamente universais tais como abelhas invadindo locais para nidificação, e outras exclusivas de um único local. Nessa edição, é intrigante mostrar artigos sobre o Papagaio de Porto Rico e a Arara-de-garganta-azul – ambos psitacídeos do Novo Mundo criticamente ameaçado e sofrendo uma longa história de comércio e destruição de habitat, mas as ameaças específicas e soluções para estas são surpreendentemente diferentes.

Apesar das diferenças, também é verdadeiro que quase todos projetos de conservação de psitacídeos tem alguma coisa para ensinar a alguma coisa para aprender dos outros projetos. Portanto, nós nos esforçamos para encorajar o máximo de troca de idéias, técnicas e algumas vezes, de pessoal entre os projetos. Os esforços para salvar o Papagaio de Porto Rico datam dos anos 60 e tem continuado cada vez mais forte desde então. Conforme ocorreu, o sucesso surpreendente das aves na sua “nova” área de soltura em Río Abajo (veja página 3) nos ensinou uma lição que pode ser crucial para a recuperação da Arara-de-garganta-azul. A lição é simples: só porque as últimas aves remanescente de uma certa espécie são encontradas em uma área particular, pode não significar que aquela área é o melhor lugar para elas estarem agora...é somente porque foi o último lugar que sobreviveram depois que o tráfico e o desmatamento as eliminou dos outros lugares.

Devido a uma extraordinária coincidência, agilidade de pensamento, e um brilhante trabalho de campo (leia na página 6), nós sabemos agora que – com praticamente quase todo psitacídeo – nós podemos soltar com sucesso Araras-de-garganta-azul de volta na natureza. Enquanto que consideramos por muito tempo as solturas como uma ferramenta em potencial para aplicar a sua situação bastante desesperada na natureza, agora sabemos que funciona. Não somente nós podemos adicionar novas aves à população selvagem, mas também podemos colocá-las exatamente onde são mais necessárias, melhor protegidas, e com mais chances de sobreviver. Com sorte, essa lição simples, porém importantíssima, aprendida após

décadas de trabalho em Porto Rico, podem agora ser aplicadas com sucesso similar na Bolívia, nos permitindo selecionar cuidadosamente locais para novas populações que irão esperançosamente levar essa espécie a uma recuperação rápida!

Jamie Gilardi. Diretor

Nas capas

FRENTE O Projeto ARA já soltou mais de 60 Araras-piranga (Ara macao) na Costa Rica. As fêmeas “Austin” e “Pretty Face” liberadas em 2005 e 2003 respectivamente, agora visitam a área de soltura ocasionalmente para se alimentar de goiabas selvagens e dar uma olhada nas novas aves aguardando a soltura. (Leia página 8). © Franck Dziubak

VERSO As cachoeiras Kaieteur na Guiana é a maior queda d’água do mundo em volume e uma das mais altas cachoeiras com 223 m. Após muitas visitas na esperança de observar araras neste incrível cenário, Marc Johnson e os companheiros de viagem foram recompensados com esse incrível espetáculo. Marc faz viagens a essa área duas vezes ao ano. Para mais informações acesse www.wildrupununi.com © Marc Johnson.

O único Papagaio de Porto Rico

Escrito por Jamie Gilardi

Reproduzir...Soltar...Repetir

Muito poucos entusiastas de psitacídeos tiveram o prazer de ver um Papagaio de Porto Rico (*Amazona vittata*) ao vivo. Afinal não existem aves legalizadas fora da ilha, sendo que existiram sempre muito poucas aves na ilha pela maior parte do último século. Essas aves têm uma história incrível e somente agora estão emergindo de sua tão próxima e longa luta com a extinção. E como são pessoalmente?

Os Papagaios de Porto Rico causam uma forte primeira impressão; eles são bem diferentes de qualquer outro papagaio Amazona. São animados, audaciosos e animados – em resumo, eles simplesmente são bastante confortáveis consigo mesmos.

Pouco após Steve Milpacher, Steve Martin e a turma do Parrot Lover’s Cruise 2010 visitarem em Novembro, eu fui convidado por Iván Llerandi-Román para observar e filmar a quinta soltura de aves nascidas em cativeiro do Departamento de Recursos Naturais e Ambientais de Porto Rico (DNER). A bióloga Kirsty Swinnerton, uma amiga de longa data do WPT, nos apresentou a Iván que chefia a porção da DNER desse projeto de conservação, um projeto localizado nas montanhas cheias de florestas do Noroeste de Porto Rico numa área referida como Floresta de Río Abajo.

A equipe da DNER trabalha em conjunto com o programa de conservação do Serviço de Pesca e Vida Selvagem (FWS) no leste da floresta de El Yunque (conhecida como Luquillo) e o Serviço Florestal americano, que coordena as florestas nacionais da Commonwealth. Essa área é um território não incorporado dos EUA, portanto existe um grande comprometimento e envolvimento das agências governamentais dos EUA. Após as últimas quatro solturas e 10 filhotes saindo de ninhos na natureza em quatro estações reprodutivas, a população de Río Abajo aumentou para 40-50 aves. Essas aves e seus

filhotes permanecem na área de soltura, e a maior parte deles visita as estações de alimentação diariamente.

As dez aves sortudas selecionadas para a soltura tinham de 1 a 2 anos de idade e nasceram em cativeiro especificamente para esse propósito, sendo tratados como “selvagens” mesmo antes de eclodirem. Essa idade foi escolhida especificamente para promover uma integração mais rápida no bando selvagem. Agora, prontas para ir, elas são equipadas com rádio-colares transmissores, e cada antena adornada com uma combinação única de pequenas contas de plástico. Isso permite que os pesquisadores continuem a identificar os indivíduos mesmo após as baterias dos rádios acabam. Conforme nós visitamos o enorme recinto de soltura logo ao amanhecer, Iván explicou como eles vêm “treinando” as aves pelos últimos seis meses, efetivamente os perseguindo de um lado para outro com longos puçás. Não somente isso ajuda a aumentar sua capacidade de vôo e resistência, mas também ajuda as aves a desenvolverem um medo de humanos em nível saudável. Duas coisas que irão ajudar muito as aves na natureza.

As aves também recebem um treinamento de aversão a predadores utilizando um Falcão-de-cauda-vermelha (*Buteo jamaicensis*) já que este será seu principal predador que irão enfrentar em porto Rico. Por último, eles recebem os mesmos alimentos naturais que as aves selvagens comem – outra técnica para facilitar sua transição no meio selvagem.

Nos dias quentes e ensolarados antecedendo a soltura nós visitamos um local adicional programado para futuras solturas, observamos e filmamos as aves, inspecionamos as caixas-ninho, fizemos um tour pelos aviários de reprodução e manutenção, e construímos um esconderijo simples próximo do viveiro de soltura para permitir observações de perto das aves durante a soltura. O avicultor chefe da DNER, Ricardo Valentin, me levou por um tour completo e atenciosamente me explicou seus métodos criativos e o design das instalações de reprodução e manutenção (leia PS 21.2, Maio 2009, para o artigo de Ricardo sobre os aspectos de avicultura no projeto). Eu também tive o prazer de conhecer a maior parte da equipe de campo da DNER que estavam claramente comprometidos com essas aves e animados sobre o evento a acontecer.

Na noite anterior à soltura, próximo de vinte pessoas das equipes de todas as três organizações envolvidas – o DNER de Porto Rico, o Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos EUA, e o Serviço Florestal dos EUA chegaram cheios de expectativa e o chefe do Departamento de Pesca e Vida Selvagem do DNER, Miguel A. García, preparou uma deliciosa refeição para todos. Nesta noite também tive o prazer de encontrar e conversar longamente com o biólogo chefe do FWS, Dr. Tom White, que, entre outras coisas, tem estado muito envolvido na recuperação dessa espécie desde 1999. Por fim, com os despertadores ajustados para a madrugada, todos fomos dormir para nos preparar para a soltura na manhã seguinte.

Conforme se passou, a chuva que começou naquela noite caiu com força nas primeiras horas da manhã de 16 de Dezembro. No entanto, já que a chuva é um fator bastante real na vida dessas aves, a decisão foi tomada de continuar com a soltura conforme planejado. Antes do amanhecer, a equipe de campo da DNER saiu percorrendo por uma série de locais de observação, carregando rádios portáteis e receptores para localizar as aves da soltura caso viessem em sua direção. A maior parte de nós se dirigiu para o esconderijo no aviário de soltura e ficamos quietos preparados para o grande momento.

Logo após o amanhecer com todos a postos, um painel articulado perto do topo do recinto foi aberto, permitindo que as aves voassem livres pela primeira vez em suas vidas. Isso na teoria. A chuva se recusava a diminuir e as aves ficaram em seus lugares. Com cada momento em que diminuía, a atividade aumentava

tanto dentro do recinto quanto fora. As aves selvagens aumentavam a antecipação ao sobrevoar e vocalizar alto e ficamos cada vez mais esperançosos.

Finalmente, após diversas horas de falsos alarmes, uma ave tomou coragem e saiu pela abertura, e então outra, e mais outra. Logo elas começaram a voar com vontade, algumas vezes se empoleirando na beira da saída antes de voar para uma estação de alimentação suplementar, algumas vezes voando corajosamente direto pela saída que levava à liberdade. Foi maravilhoso ver como todas estavam bem condicionadas – todas fortes e confiantes em voar. Uma vez que se alimentaram e se molharam um pouco mais, elas eventualmente voaram para mais longe e até a floresta para se juntar às aves selvagens.

Essa soltura foi o ápice de anos de trabalho duro, e para mim, um grande privilégio em estar presente para o verdadeiro momento especial que foi a sua liberação. E apesar de que 10 aves não parecem ser muito comparadas às centenas de Papagaios-do-Congo que foram soltos na África em anos recentes, para os Papagaios-de-Porto Rico, esse grupo representou um aumento próximo de 10% de toda a população selvagem, realmente um grande passo para frente. Os casais de cativo e selvagens de ambos os programas agora estão incubando ovos ou cuidando de filhotes, portanto a estação reprodutiva de 2011 está se moldando para ser outro momento de sucesso.

É extremamente encorajador ver tantas pessoas colaborando de maneira tão efetiva na recuperação dessa ave sem igual. O Papagaio-de-Porto Rico está longe de estar fora de perigo, mas se a tendência atual continua, com certeza superou um momento crucial depois de 40 anos de intensivos trabalhos de conservação.

Papagaio-de-Porto Rico *Amazona vittata* (Barra lateral)

O Papagaio-de-Porto Rico é o único papagaio nativo remanescente que era anteriormente muito abundante e comum. Por volta da década de 1950 havia apenas 200 papagaios na natureza, e em 1975 a população selvagem alcançou um total baixíssimo de apenas 13 indivíduos.

Em 1968 o Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos EUA começou os trabalhos para conservação da espécie. Em 1973 o Aviário de Luquillo foi instalado na Floresta Tropical de El Yunque, onde os esforços para reprodução em cativeiro começaram. O aumento gradual dos números totais de aves continuou pelos próximos 20 anos. Em 1993, uma segunda população de cativeiro foi estabelecida no Aviário Vivaldi (Rio Abajo), localizado na Floresta de Rio Abajo. Nesse novo local, 271 filhotes eclodiram entre 1993-2010.

No começo de 2011 a população selvagem contava com 34-40 indivíduos na Floresta Estadual de Rio Abajo, e 20-30 na Floresta Nacional do Caribe. A população em cativeiro está em 269 papagaios divididos entre as duas localidades.

Fotos:

Exames de saúde completos são feitos em cada indivíduo antes da soltura. Essas aves são criadas para serem selvagens desde o início.

As aves são soltas inicialmente em um grande recinto de vôo para se acostumarem e desenvolverem “habilidades de aves selvagens” antes que possam sair para a natureza.

Araras-de-garganta-azul no tráfico

Escrito por Igor Berkunsky, José Antonio Díaz Luque, Gonzalo Daniele

Fotos por José Antonio Díaz Luque

Na véspera de ano novo José da nossa equipe de campo das Araras-de-garganta-azul, estava percorrendo por taxi na capital de Beni, Trinidad. Imagine a sua surpresa quando o motorista se virou para ele e disse “Eu tenho alguns filhotes de arara para vender, você quer comprar?”. Ansioso para seguir esse tipo de pista, José disse, “Me leve até elas e vamos ver.” O motorista o levou até a casa onde estavam realmente dois filhotes de arara. Mas essas não eram apenas qualquer arara. Eram dois jovens filhotes de Arara-de-garganta-azul!

José se surpreendeu pela enorme coincidência e ironia da situação. Ele tinha que pensar rápido, especialmente porque essas aves tendem a desaparecer em minutos quando você está tentando chamar uma autoridade para confiscá-las. José simplesmente e corajosamente disse, “Essas aves são totalmente ilegais, e ou você as entrega para mim ou vou chamar a polícia imediatamente!”. Por sorte o motorista percebeu que estava encrencado e renunciou às aves sem reclamar muito. José as levou correndo para a casa do projeto, as alimentou e fez um exame completo. Elas estavam quase na idade de sair do ninho e estavam relativamente em boas condições. Pareciam estar razoavelmente bem cuidadas o que significava que haviam sido roubadas do ninho recentemente. Ainda assim, elas necessitavam um pouco mais de tempo e um pouco de reabilitação para terminar de se desenvolver adequadamente.

Enquanto que as aves estavam recebendo os primeiros socorros e sendo levadas para um local seguro fora da cidade, Igor se encontrou com o Engenheiro Aldo Claire Banegas, chefe do escritório de vida selvagem em La Paz (Dirección General de Biodiversidad y Áreas Protegidas) e explicou a situação com as aves, José e o motorista de taxi. Felizmente o Diretor entendeu rapidamente o problema. Ele sabia que embora existam muitas dessas aves em cativeiro, existem muito poucas na natureza. Ele concordou que deveríamos fazer todo o possível para ver se os filhotes poderiam se desenvolver com sucesso. Seria a melhor coisa para as aves, para a população selvagem, e também para nós verificarmos se tal soltura poderia ser bem sucedida para essa espécie criticamente ameaçada.

Nós imediatamente começamos o processo de preparar as aves para a soltura. Nós as alimentamos tanto com alimentos para aves de cativeiro como frutos e sementes selvagens locais, especialmente o fruto da Palmeira Motacu que é o principal alimento das Araras-de-garganta-azul selvagens. Nós escolhemos um local para soltura onde haviam pequenos números tanto de Araras Canindés (*Ara ararauna*) como de Araras-de-garganta-azul – uma situação comum por toda a área de distribuição original das Araras-de-garganta-azul. Nós realizamos um soltura do tipo “soft release”, proporcionando alimentos para as aves e um local para dormir conforme desenvolviam suas habilidades de vôo. Com o passar das próximas semanas, elas se tornaram mais confiantes com o vôo. Começaram a socializar e vocalizar com as aves selvagens, e gradualmente se tornaram mais e mais independentes e menos interessadas em humanos. Agora, mais de quatro meses mais tarde, as aves estão essencialmente independentes – se alimentando por conta própria, e só ocasionalmente vindo pousar ou voando sobre o local da soltura. É realmente uma visão incrível ver essas aves espetaculares, voando livres sobre os campos e florestas de Beni...especialmente quando se leva em conta qual poderia ter sido o seu destino, caso o encontro fortuito no taxi não tivesse ocorrido.

Para nós do projeto da Arara-de-garganta-azul, esse acontecimento foi um importante abrir de olhos de muitas maneiras, e não poderia ter vindo em melhor momento. Nos ensinou diversas lições importantes que irão guiar nossos esforços de conservação nos anos que virão:

1. Obviamente existe tráfico de filhotes ocasional ocorrendo o que é tremendamente preocupante dado quão poucos casais nidificam a cada ano.
2. As autoridades foram solícitas e flexíveis quando essa situação excepcional apareceu e sua colaboração foi vital para o final bem sucedido.
3. Apesar de que somente duas aves foram soltas, elas eram provavelmente os únicos filhotes de Araras-de-garganta-azul que cresceram com sucesso dos ninhos conhecidos durante toda esta estação reprodutiva- em todo o mundo!
4. Essa soltura não foi planejada e não desenhada como experimental, mas demonstra que a soltura de aves jovens, mesmo sob condições desafiadoras, pode não só funcionar, como pode funcionar muito bem.

Nós estamos bastante aliviados que essa situação decorreu tão bem, e estamos inspirados por essas aves e sua extraordinária transição para a liberdade. Também achamos que temos uma nova ferramenta disponível.

As solturas já funcionaram muito bem para outras espécies de araras, e são uma estratégia que também temos antecipado como necessária para as Araras-de-garganta-azul. O quão efetivamente podemos usar essas técnicas para liberar aves de cativeiro no futuro ainda precisa ser determinado. Porém, estamos animados em saber que temos o conhecimento para fazê-lo.

Somos gratos ao Fundo para Conservação de Espécies da MBZ e o Fundo para Conservação da Natural Encounters por seu apoio financeiro em nossos trabalhos.

Foto

Más notícias: Duas criticamente ameaçadas Araras-de-garganta-azul são roubadas de um dos poucos ninhos remanescentes na natureza. Boas notícias: Por um golpe de sorte essas duas foram descobertas precisamente pelas pessoas certas – nossa equipe de campo! Elas foram reabilitadas e soltas para se unir às aves selvagens em uma área ideal. Os tags de asa são temporários e nos ajudam a monitorar os filhotes.

Nascido para voar livre

Escrito por Ilona Thewissen

Os saímiris galopam sobre o teto do aviário onde dez Araras-piranga (*Ara macao*) esperam a soltura. Araras cruzando os céus voando livres sobre o local da soltura, vocalizando estridentemente e incitando a curiosidade e animação nas aves recém chegadas. Até recentemente não havia araras (selvagens) na área.

As recém chegadas irão se unir ao bando estabelecido de mais de 50 araras soltas e seus novos filhotes na Reserva Biológica Privada de Tiskita nas exuberantes florestas na costa do Pacífico da Costa Rica. Elas estão no meio de uma aclimatação de dois meses em um novo aviário pré-soltura. O aviário foi construído com a ajuda da família Beirute da Costa Rica, Ford Motor Company, World Parrot Trust e BOSS Orange (leia PsittaScene 23.1, Fev. 2011).

O Projeto ARA é uma organização não governamental que tem estado liberando araras nascidas em cativeiro por mais de 10 anos. O maior local de soltura está localizado em Tiskita onde sete grupos de Araras-piranga foram soltos entre 2002 e 2009. As aves agora estão repovoando uma área onde a espécie desapareceu há 40 anos atrás. Essas solturas são “soft releases” o que significa que as araras recém soltas recebem alimento coletado no local da área de soltura até que aprendam a forragear por conta própria. As aves soltas têm sido monitoradas quase diariamente desde 2002 para garantir uma adaptação bem sucedida na natureza e para coletar informações científicas sobre a reintrodução das Araras-piranga. Até o momento, a taxa média de sobrevivência é perto de 90% e ao menos 5 casais já criaram com sucesso filhotes em ninhos naturais desde 2008.

Após a soltura, as novas araras irão vivenciar as hierarquias estabelecidas e conexões sociais das araras já libertas e estabelecer sua própria posição dentro do bando.

Por enquanto, no aviário pré-soltura, não existem casais exclusivos, mas preferências fortes já são aparentes. As fêmeas chamadas Alice e Rogue se mantêm juntas assim como as fêmeas Orange e Scarlett O’Ara. Um macho chamado Hugo é amigável com as outras araras no recinto, mas frequentemente disputam através da tela com o seu irmão Rigsby que foi solto em 2009. Três machos, chamados Boss, Ford e Splice são bastante animados. Eles repetidamente fazem disputas e tentam alçar vôo, especialmente quando as araras já soltas estão por perto. Dois outros machos chamados Bob e Weasel são mais calmos. Todos serão soltos no meio de Maio (após 2 meses de aclimação), quando a disponibilidade de alimentos estará no seu ápice.

Geralmente, as araras recém soltas permanecem na área de soltura por até seis meses antes de lentamente expandirem sua área. Utilizando a experiência adquirida no aviário de aclimação e através do aprendizado social com as araras previamente soltas, elas rapidamente descobrem novos aspectos da sua existência natural, como forragear no suprimento infinito de nozes de Chapéu-de-sol, se agrupar em bandos acima do topo das árvores, perseguir os urubus-reis, ficar ensopado na estação chuvosa, e cochilar com a brisa do oceano.

Devido ao fato que muitas das aves permanecem próximo à área de soltura, o Projeto Ara tem a oportunidade de estudá-las intensivamente, muitas vezes por anos seguidos. Por causa disso, não somente é possível avaliar o sucesso da reintrodução ao mensurar a sobrevivência e reprodução, mas também coletar valiosas informações sobre o comportamento da Arara-piranga, desde as atividades de forrageamento até o comportamento social tal como a seleção de casais. Ao estudar a seleção de casais em aves nascidas em cativeiro e nas aves da soltura se obtém uma visão sobre a formação dos casais porque a idade e o sexo das araras são conhecidos. Isso frequentemente não ocorre ao estudar araras nascidas na natureza.

Um exemplo de como a vida de uma arara da soltura pode se desenvolver é o da fêmea chamada Cyndi, uma das primeiras sete araras soltas em 2001. Agora, nove anos mais tarde, ela ainda mantém a sua área de dispersão em uns 2 Km até a área de soltura. Por volta da época de sua liberação ela pareou com um macho chamado Big Boy, também solto em 2002. Depois de inicialmente manter um interesse na irmã dela, Rainbow, ele se tornou o companheiro de Cyndi por anos. Big Boy era um macho alfa na maior parte desse tempo e ferozmente protegia Cyndi. Depois de alguns anos de tentativas, eles criaram com sucesso seus dois primeiros filhotes em 2008. Esses filhotes foram os primeiros que saíram do ninho com sucesso de todas as araras soltas em Tiskita e outro indicativo do sucesso do projeto. Em 2009 esse casal criou com sucesso outro filhote. Pouco tempo depois, Big Boy e Cyndi se separaram. Ele desde então se acasalou com

uma fêmea chamada Red que foi solta em 2007. Meses mais tarde, Cyndi também encontrou um novo companheiro chamado Cosmo (solto em 2007) e está no momento no processo de criar seus primeiros filhotes com ele.

Para atingir o sucesso a longo prazo na área de soltura de Tiskita, o Projeto Ara irá continuar a monitorar as araras da soltura e desenvolver novos e mais extensivos programas de educação para envolver as comunidades locais para protegê-las.

Ilona Thewissen, é originalmente da Bélgica. Ela se juntou ao Projeto Ara em 2005 como voluntária na Reserva Biológica de Tiskita enquanto escrevia sua tese sobre a Renitrodução da Arara-piranga. Ela entrou na equipe em 2006 como bióloga de campo em Tiskita e está se preparando para sua quarta soltura.

Arara-piranga (barra lateral)

Solturas em Tiskita

#1, Setembro 2002, 7 araras

#2, Maio 2003, 6 araras

#3, Maio 2004, 7 araras

#4, Outubro 2004, 5 araras

#5, Abril 2005, 10 araras

#6, Maio 2007, 12 araras

#7, Maio 2009, 16 araras

#8, Maio 2011, 10 araras

www.thearaproject.org

Fotos

No aviário pré-soltura, as araras se acostumam com a floresta circundante e seus habitantes. Macacaos e araras das solturas prévias freqüentemente fazem visitas.

As Araras-piranga não e encontravam mais nessa parte da Costa Rica até que as solturas começaram em 2002. Agora, depois de serem criadas para viverem livres, uma nova e mais colorida era começou.

Uma proibição e um plano

Diminuindo o comércio ilegal no México

Escrito por Juan Carlos Cantú & María Elena Sánchez.

O México é lar para 22 espécies de papagaios e araras. Destas, 11 espécies são classificadas como vulneráveis, seis como ameaçadas e quatro como necessitando de proteção especial. A destruição do habitat e o comércio ilegal são as maiores ameaças que levaram diversos psitacídeos mexicanos à beira da extinção.

Em 2007 a Defenders of Wildlife e Teyeliz A.C. lançaram um relatório completo sobre o comércio ilegal de psitacídeos que estimou que por volta de 65.000 a 78.500 psitacídeos são capturados ilegalmente todos os anos. Perto de 50.000 destes morrem por stress, doenças, maus tratos, esmagamento, asfixia ou desidratação durante a captura e o transporte antes de chegarem ao consumidor. Em resposta à essa crise,

o México estabeleceu uma proibição na captura e comércio de psitacídeos selvagens em Outubro de 2008 – e está funcionando!

A proibição foi a última alternativa para salvar essas espécies. Os críticos prediziam que apenas iria resultar no aumento avassalador e imediato do comércio ilegal, mas exatamente o oposto ocorreu – o comércio ilegal decresceu. Nós analisamos as informações nas apreensões anuais de psitacídeos pela Agência de Aplicação de Leis Ambientais (PROFEPA) antes e após a proibição, para determinar seu impacto no comércio ilegal assim como a efetividade de uma campanha concomitante feita pela Defenders e Teyeliz.

O total de apreensões de psitacídeos pela PROFEPA estavam mostrando uma tendência de diminuição e essa tendência continuou após a proibição de 2008. Somente 566 psitacídeos mexicanos foram confiscados em 2010, a mais baixa quantidade em quase 10 anos, e um terço a menos do que no ano anterior (veja a figura 1).

No entanto, as informações sobre as apreensões sozinhas não demonstram uma tendência no comércio ilegal, mas refletem os trabalhos de repreensão pela PROFEPA. A agência não tem pessoal suficiente para vigiar todas as capturas de vida selvagem, transporte e locais de venda no México. Ao invés disso, ela age com denúncias dos cidadãos, portanto a maioria das ações são um resultado direto de denúncias do público sobre comércio ilegal de psitacídeos. Portanto, um aumento nas denúncias resulta em um aumento nos esforços de repreensão e inspeção, e conseqüentemente, um aumento nas apreensões.

Para sermos capazes de identificar a verdadeira tendência no comércio ilegal, nós precisávamos saber o número de denúncias anuais e comparar com a informação de apreensões anuais. As denúncias de cidadãos à PROFEPA mostram um aumento súbito entre 2008-2010 (veja figura 2).

Partindo do princípio que a maior parte das apreensões ocorreu como resultado de denúncias, podemos deduzir que em 2002-2007 a PROFEPA estava confiscando uma média de 52 psitacídeos por denúncia, e após a proibição o número diminuiu para somente 4.6 psitacídeos por denúncia. O fato que as denúncias relatadas de comércio ilegal aumentaram dramaticamente em 2008-2010, enquanto que as apreensões de psitacídeos selvagens diminuíram indica que o volume de psitacídeos mexicanos para venda de fato declinou. Essa é a primeira vez que um aumento nas repreensões da PROFEPA levou a uma diminuição no volume de psitacídeos capturados.

Um pico bastante alto no número de denúncias ocorreu em 2008 após a aprovação da proibição pelo Congresso anunciada publicamente pela Defenders e Teyeliz. No entanto, o pico mais alto ocorreu em 2009 quando começamos uma campanha nacional, juntamente com a PROFEPA, para informar o público sobre a proibição do comércio e como poderiam participar.

Campanha de comunicação

Uma proibição tem por si só pouco efeito se as pessoas não sabem que ela existe. Após a proibição entrar em vigor em Outubro de 2008, nós planejamos uma campanha nacional para informar o público mexicano sobre as ameaças que os psitacídeos estavam enfrentando, as mudanças na lei, e maneiras que poderiam participar para ajudar a salvar essas espécies.

Lançamos a campanha em Fevereiro de 2009 numa conferência com a imprensa e a PROFEPA. Um componente vital disso foi o site www.pericosmexico.org, que apresentou informações sobre as 22 espécies de psitacídeos nativos do México, e explicou a ameaça do comércio ilegal e leis e normativas em

relação ao comércio. Ela instruiu os visitantes em como apresentar denúncias de comércio ilegal para a PROFEPA, e o certo e errado de se comprar um psitacídeo. Também possuiu materiais educacionais para download e listou as instituições participantes e organizações que estava ajudando a distribuí-los.

Graças às generosas doações de pessoas como Terry Pelster, o World Parrot Trust, a Fundação Folke H. Peterson e a IFAW nós produzimos mais de 71.000 pôsters, livros para crianças, livros para colorir, gibis, e adesivos e os distribuímos pelo México. Dúzias de instituições e organizações se uniram nesse esforço, incluindo instituições governamentais tais como a Agência de Repreensão Ambiental, o Ministério do Meio Ambiente, a Comissão Nacional de Áreas Naturais Protegidas, o Ministério do Ambiente da Cidade do México, os Zoológicos da Cidade do México; universidades como a UNAM, UAM, UDG, Tec de Monterrey, entre outras; ONGs como o Greenpeace, Pronatura, IFAW, CEMDA, Comarino, GEMA, entre outras; assim como cientistas, companhias privadas e indivíduos.

Dúzias de estórias apareceram na mídia (jornais, revistas, rádio, televisão, serviços de notícias online, e blogs) desde que a campanha começou. Nós temos conversado constantemente sobre a campanha contra o comércio ilegal de psitacídeos em nosso programa semanal de rádio “Supervivencia” e dado dezenas de apresentações em simpósios, festivais de aves, festivais infantis, escolas, etc.

Um fato revelado pelas informações de denúncias é que de 2002 a 2007 a PROFEPA recebeu denúncias de comércio ilegal de 21 estados, enquanto que em 2008 a 2010 vieram denúncias de todos os 32 estados mexicanos. Portanto, a campanha alcançou todo o país, fazendo as pessoas ficarem conscientes sobre o problema e fazendo-as participarem em sua solução ao não comprarem psitacídeos selvagens e denunciando o comércio ilegal.

O comércio ilegal de psitacídeos é um problema difícil de resolver; na verdade não nunca o impediremos totalmente. No entanto, isso pode ser diminuído consideravelmente e controlado de modo que não tenha um efeito tão negativo nas populações selvagens. Nós documentamos que o comércio ilegal de psitacídeos selvagens mexicanos começou a diminuir, e que essa diminuição é devido à proibição de comércio em 2008 e à campanha que começamos em 2009 com a ajuda de muitas pessoas e organizações. As proibições de comércio funcionam, e os tomadores de decisão não devem impedir em utilizá-las para controlar o comércio ilegal e ajudar na conservação da vida selvagem.

Juan Carlos Cantú é Diretor de Programas da Defenders of Wildlife México. María Elena Sánchez é Presidente da Teyeliz A.C

Figura 1 – Tendência das apreensões de psitacídeos de 2002 a 2010

Figura 2 – Relatórios de denúncias de comércio ilegal de psitacídeos

A proibição do comércio e a campanha resultaram em mais denúncias de cidadãos e inspeções, ainda assim o número de apreensões diminuiu, portanto o comércio ilegal diminuiu.

Foto

A proibição do comércio de psitacídeos no México foi aumentada por um amplo plano para engajar os cidadãos em aprender mais sobre os psitacídeos e denunciar aves ilegais. Milhares de pôsteres e livros para colori foram distribuídos por todo o país, aumentando a conscientização dramaticamente.

Um visitante raro

Escrito por Rick Simpson. Fotos por Elis Simpson

Em Fevereiro de 2009, eu recebi o mais incrível telefonema. “Ah! Rick! Tenho 40 Apuins-de-costas-pretas empoleirados numa árvore do lado de fora da minha casa!” exclamou meu amigo Jeremy Minns. A conversa terminou ali. Minha esposa Elis e eu largamos tudo e corremos até a casa de Jeremy...

Ali encontramos as raras aves acomodadas numa árvore em frente de sua propriedade. Elis tirou o que achamos ser as primeiras fotografias da espécie em seu habitat natural. Eu disse “habitat natural” porque em 2006 um voou pela janela de um escritório de um hotel aqui na cidade de Ubatuba na costa sudeste do Brasil. Ele foi fotografado sentado em cima de uma tela de computador e essa acredita-se ser a primeira foto tirada desta espécie viva!

Os Apuins-de-costas-pretas (*Touit melanonotus*) foram primeiramente descritos pelo Príncipe Maximillian of Wied-Niuwied em 1820. Desde então, até muito recentemente, pouco se sabia sobre a história natural dessas aves. Tem havido avistamentos de diversas localidades no sudeste do Brazil onde ainda existe mata atlântica preservada, mas as aves não eram vistas regularmente em nenhum lugar. Ironicamente foi em um condomínio e não numa mata atlântica intacta que as aves foram finalmente estudadas pela primeira vez.

A história do Apuim-de-costas-pretas em Ubatuba é esparsa. Jeremy Minns descobriu primeiramente que a espécie estava presente na área num dia quando bebia uma cerveja junto com outro ornitologista muito conhecido e respeitado, Ricardo Parrini, quando subitamente escutou os Apuins. Infelizmente eles não encontraram as aves naquele dia.

Em Janeiro de 2011 um habitante local encontrou um grupo se alimentando em seu jardim. Ele telefonou para um entusiasta de aves local que visitou e fotografou as aves, colocando suas fotos na internet quatro dias mais tarde!

Nesse momento Elis e eu estávamos em São Paulo fazendo pesquisas no museu. Nós terminamos nosso trabalho mais cedo e corremos de volta à Ubatuba. Ali encontramos os Apuins facilmente. Com o passar das próximas semanas nós tivemos a chance de estudá-los todos os dias bem de perto, observando seu comportamento alimentar, interações sociais, vocalizações, e padrões de movimento. Nós observamos os juvenis sendo alimentados e descobrimos seus chamados para pedir alimento.

Uma coisa interessante que notamos foi que estas aves, ao contrário de outras espécies de psitacídeos, nunca usam seus pés enquanto se alimentam. Ao invés disso eles arrancam a fruta da árvore, carregam no bico, e prendem no lugar para comer ao aplicar pressão com seus bicos enquanto retiram a semente com suas línguas.

Nós passamos muitas horas na companhia das aves, algumas vezes passando mais de duas horas os observando descansarem, se limparem e brigarem nos galhos mais altos do Chapéu-de-sol (*Terminalia catappa*). Elas ficavam quietas e calmas num minuto, e de repente sem nenhum aviso ou provocação, o grupo inteiro saía depressa da árvore, vocalizando alto e voando para longe juntos.

E então começou a busca pela árvore em frutificação nos quais eles estavam se alimentando. Pelo final de nossa estada identificamos cinco árvores diferentes que eles utilizavam com alguma frequência. Depois disso, foi uma questão de fazer rondas para procurar por eles.

Durante este período, muitas pessoas vieram nos visitar. Nos vimos no papel de embaixadores – localizando as aves, garantindo que todos os vissem, mas ao mesmo tempo respeitando a propriedade e privacidade dos residentes. Nunca na história do *birdwatching* no Brasil, tantos *birdwatchers* e fotógrafos foram até um único local para ver uma única espécie. Esse foi o primeiro frenesi do Brasil. Um fotógrafo bastante conhecido, Ciro Albano, veio do Ceará – uma viagem de 2.000 km.

As aves continuaram fiéis à área por várias semanas, e gradualmente sendo vistas cada vez menos até se tornarem difíceis de avistar. Elas continuam até esse momento (Março de 2011) a serem vistas e ouvidas em vôo, mas onde estão atualmente se alimentando é desconhecido. Isso é um estudo para o próximo ano!

Fotos

Os apuins tem hábitos tão discretos e tímidos que freqüentemente passam despercebidos. Esse bando magnificamente cooperativo de ameaçados Apuins-de-costas-pretas foi observado por semanas após escolher o local certo para visitar. Fãs de todo o Brasil vieram observar e fotografá-los e até mesmo testemunharam as aves alimentando os juvenis pela primeira vez.

Medalha Carolina – Don Merton

In memoriam. 22 Fevereiro, 1939 - 10 Abril, 2011

A Medalha Carolina objetiva ser uma lembrança constante do status frágil de um terço de todas as espécies de psitacídeos e sobre o bem estar de milhares de aves em cativeiro. É nomeada em homenagem ao extinto Periquito da Carolina, único psitacídeo nativo nos EUA. Anteriormente era tão numeroso que foi considerado uma praga, e foi dado como extinto em 1920 devido à caça por esporte, comércio e perda de habitat.

Nós brindamos Don Merton com a Medalha Carolina como um pequeno gesto de reconhecimento por seu trabalho pioneiro com o Kakapo (*Strigops habroptilus*), Periquito-das-Ilhas-Maurício (*Psittacula eques*) e outras espécies de psitacídeos, e também por desenvolver uma variedade de técnicas de manejo que são aplicáveis a psitacídeos em todo o mundo. Don ficou extremamente agradecido, expressando seu agradecimento e reconhecendo o quanto ele se beneficiou por seus contatos com o World Parrot Trust com o passar dos anos.

Don era um perfeito pesquisador de campo e muitas de suas técnicas no manejo das aves, erradicação de predadores e restauração do habitat que desenvolveu, agora se tornaram práticas comumente aceitas. Os programas de conservação que ele desenvolveu na Nova Zelândia e Ilhas do Oceano Índico tornaram-se situações modelo do que pode ser conseguido.

Infelizmente perdemos Don por um câncer em Abril de 2011. Seu legado continua não somente nas inumeráveis pessoas que ele ensinou, mas também nos Kakapos, nos Chatham Island Black Robins e em todas as muitas espécies que foram beneficiadas por seu trabalho.

Nomeações para a Medalha Carolina podem ser enviadas para uk@parrots.org

Março de 2011

Caro Don,

Foi maravilhoso poder conversar com você esta manhã e lhe dar as notícias de que foi premiado com a Medalha Carolina pelo World Parrot Trust em reconhecimento por suas contribuições para a conservação de psitacídeos. Eu recebi a honra especial de lhe contar já que trabalhamos juntos por tantos anos.

Todos os sócios e equipe do WPT concordaram por unanimidade que você deveria receber a Medalha já que seu trabalho sempre foi muito admirado, e como Mike Reynolds era um grande amigo e entusiástico adepto de suas conquistas. Mais do que ninguém você demonstrou o valor de manejar aves ameaçadas e que mesmo as espécies, mas ameaçadas podem ser restabelecidas.

Você desenvolveu técnicas e nos mostrou como aumentar a produtividade e melhorar a sobrevivência nas espécies mais raras. Você ilustrou que estas técnicas podem ser aplicadas para todas as espécies de aves e que com a vontade e habilidade apropriadas todas as espécies podem ser salvas.

Don, não foi apenas seu trabalho na Nova Zelândia que é tão importante, mas você também influenciou sucessos em outros lugares. Seu trabalho ao restaurar ilhas e espécies em Maurício e na Seicheles ajudaram no pontapé inicial dos projetos de conservação ativa nesse grupo de ilhas. Foi você, mais do que qualquer outro que nos mostrou aqui no Oceano Índico que a conservação em ilhas era possível e que havia esperança para espécies como o Periquito-das-Ilhas-Maurício. Você efetivamente inspirou uma geração de conservacionistas e passou por muitas coisas para orientar e nutrir, pessoas e projetos por muitos anos.

Lembro-me muito bem de uma conversa que tivemos onde você lamentava o quanto nossa vida era curta e que em alguns casos não conseguiríamos ver os projetos do começo ao fim porque levariam décadas ou séculos. Você nos instava para que fizéssemos o que tinha de ser feito para deixar um legado, mas também garantir que treinássemos a nova geração de pesquisadores de campo para serem gestores e líderes de conservação, para continuar o trabalho. Isso você conseguiu, o Kakapo agora está em mais de 100 indivíduos e os Periquitos-das-Ilhas-Maurício por volta de 570 e há uma cultura crescente de pessoas trabalhando com conservação, todos seguindo seus passos. Você contribuiu mais do que jamais poderia imaginar.

Com os melhores desejos

Carl,

Prof Carl G Jones MBE

International Conservation Fellow, Durrell Wildlife

Conservation Fellow, North of Englnd Zoological Society

Scientific Director, Mauritian Wildlife Foundation

O World Parrot Trust perdeu um grande amigo. Don Merton, o renomado conservacionista Neozelandês faleceu no dia 10 de Abril de 2011 com 72 anos. Apesar de que muitos sabiam que ele estava lutando contra um câncer terminal, a notícia de sua morte ainda assim veio como um choque, já que Don, ou “Mertie” como seus amigos chamavam, tinha sido uma importante figura na restauração de aves e um mentor para muitos de nós por mais de 40 anos.

Don teve um enorme papel principal em salvar muitas das aves da Nova Zelândia incluindo o Saddleback e o Chatham Island Black Robin. Ele provavelmente vai ser mais lembrado pelo seu trabalho com o Kakapo. Foi Don quem teve o conhecimento mais íntimo sobre o Kakapo e tinha estado profundamente envolvido com essa espécie desde os anos 60. Foi ele que descobriu o seu sistema reprodutivo do tipo lek que é exclusivo entre os psitacídeos.

Don teve um papel essencial em proporcionar a visão e conhecimentos para a recuperação da espécie e a viu aumentar de 51 indivíduos em 1995 para 100 em 2009. A honra de nomear a centésima ave foi dada a Don. Ele nomeou a ave de Te Atapo, significando “o amanhecer após a noite” devido à sua significância no esforço de conservação. Ele afirmou que “a centésima ave simboliza um marco significativo na luta contínua que abrange mais de um século de literalmente, sangue, suor e lágrima por incontáveis e dedicados indivíduos para salvar uma das aves mais notáveis e icônicas da Nova Zelândia – e do mundo.”

Todos os Kakapo agora sobrevivem em ilhas livres de predadores fora de sua área de distribuição original. Seus habitats históricos não podem mais ser utilizados porque estão muito degradados ou habitados por mamíferos predadores. Don logo de início reconheceu a ameaça de ratos e outras pragas introduzidas. Ele e seus colegas desenvolveram técnicas para limpar as ilhas de mamíferos predadores e então restaurá-las de modo que pudessem ser adequadas para aves ameaçadas como o Kakapo.

Don via cada uma dessas aves criticamente ameaçadas como indivíduos preciosos. Durante o período reprodutivo todos os Kakapo eram (e ainda são) monitorados 24 horas por dia. As aves recebem alimentação suplementar e todo esforço é feito para maximizar a produtividade. Muitas dessas técnicas vieram da avicultura. Don freqüentemente costumava dizer que o manejo intensivo de aves ameaçadas incluía pegar as técnicas de criação em cativeiro e levar para o campo. Ele mais do que ninguém fez a ponte entre a avicultura e a conservação a campo.

Don era um homem muito generoso, que facilmente doava seu tempo e ajudava projetos fora da Nova Zelândia, na Austrália, Ilhas Maurício, Seicheles e Fiji. Nas Maurício ele ajudou a desenvolver o projeto de restauração dos Periquitos das Ilhas Maurício e proporcionou conselhos e supervisão por mais de 25 anos.

Ele era um otimista que nos mostrou a direção certa com sua crença de que as espécies criticamente ameaçadas podem ser restauradas. Ele e os programas de conservação em que estava envolvido nos anos 60 e 70 amadureceram em projetos que restauram grupos inteiros de espécies e seus habitats insulares.

Don era um homem modesto que nunca se gabava de suas conquistas. Ele sempre estava desejoso de conversar e compartilhar seu conhecimento com qualquer um que se interessasse. Ele viajou por muitos lugares e freqüentemente falou em conferências internacionais. Ele era o maior embaixador da conservação que a Nova Zelândia jamais teve. E fará muita falta, mas nos deixa um legado rico de técnicas e uma geração de biólogos de campo na Nova Zelândia e nas Ilhas por todo o mundo, todos seguindo os passos de Mertie. Estamos orgulhosos de lhe haver conhecido.

Citação

“Eles são nossos monumentos nacionais. São nossa Torre de Londres, nosso Arco do Triunfo, nossas pirâmides...Ninguém mais tem um Kiwi, ninguém tem um Kakapo. Eles têm estado aqui por milhões de anos, senão milhares e milhares de anos. Uma vez que se extinguiem, acabam-se para sempre. E é nossa responsabilidade garantir que nunca desapareçam”. Don Merton.

Páginas PET – Prevenção de Problemas

Do Fórum

Pergunta de Debra P
Emirados Árabes Unidos

Tenho um maravilhoso Papagaio-do-Congo que tem agora 20 meses de idade. Ela é gentil, delicada e geralmente uma alegria.

Eu tenho duas perguntas: Primeiro – as suas penas são tão macias! Isso vai mudar quando ficar mais velha? Segundo – Me disseram que há um período conhecido como os “terríveis dois anos” quando as aves mudam dramaticamente. Eu não quero perder a garotinha gentil que tenho. O que você me recomendaria fazer? Eu deveria começar a exercer mais controle sobre ela agora de modo que ela saiba quem está no comando? Obrigado por qualquer ajuda.

Resposta por Pamela Clark
Oregon, EUA

Seu jovem Papagaio-do-Congo é extremamente sortudo em estar nas mãos de alguém como você que procura prevenir problemas, ao invés de esperar para pedir ajuda até que ocorram.

O fato de que as penas dela sejam tão macias reflete que ela tem sido bem alimentada. A dieta de um psitacídeo resulta na qualidade da plumagem. A melhor maneira de manter as penas dela macias é garantir que você a alimente com a dieta mais adequada. Uma mistura de sementes é uma dieta pobre para qualquer psitacídeo, portanto se ela está comendo uma mistura de sementes como alimentação principal, você irá querer ensiná-la a comer uma dieta de melhor qualidade.

Os Papagaios-do-Congo tem necessidades maiores para proteína e gordura comparados a muitas espécies de psitacídeos. Maneira mais fácil de garantir que ela esteja comendo uma dieta balanceada é fazer com que pelo menos de 30 a 70% do que ela consome é uma dieta formulada de boa qualidade. Eu alimento meus próprios Papagaios-do-Congo com ração extrusada Harrison’s High Potency, já que essa foi feita com tendo as necessidades nutricionais deles em mente. A quantidade de proteína nessa ração é de 18% e a de gordura 15%.

Se você a está alimentando com uma ração extrusada, com baixos teores de proteína e de gordura, você pode suplementar com outros alimentos para aumentar esses níveis ligeiramente. Para suplementar a proteína, você pode dar um pedaço pequeno (6 cm) de ovo mexido ou frango bem cozido ou peixe duas vezes por semana. O conteúdo de gordura pode ser aumentado ao se proporcionar algumas poucas nozes como guloseimas para treinamento. Muita proteína ou gordura também podem ser um problema, no entanto, portanto a suplementação deve ser feita com moderação. Em adição a isso, ela deve receber vegetais crus e frutas, especialmente vegetais. Se você quiser saber mais sobre dieta, pode ler meus artigos

“Alimentando o Psitacédeo de Estimação” e “Grey Matters” um artigo de duas partes especificamente sobre Papagaios-do-Congo. Ambos foram postados em <http://www.parrothouse.com/pamelaclark>

Com relação às suas preocupações sobre comportamento, posso afirmar com certeza que não existe verdade no mito de que psitacédeos passam por qualquer período chamado de “dois terríveis anos”. As aves mais velhas podem ser menos obedientes do que as mais jovens, mas isso não deve ser a regra geral. Geralmente a melhor maneira de evitar problemas com um psitacédeo conforme cresce até a idade adulta é:

- 1 Evite que ela forme um casal com você,
- 2 Garanta que todas as suas necessidades (físicas, sociais e mentais) sejam atendidas, e
- 3 Proporcione uma comunicação clara sobre o que você quer que ela faça seguido de reforços positivos ao atender aos seus pedidos.

Em relação ao número 1: O objetivo com um psitacédeo jovem deve ser de ensiná-la a brincar independentemente e se manter ocupada. Apesar de ser muito reconfortante ter um psitacédeo no seu ombro, isso deve ser evitado por duas importantes razões. Primeiro, irá levar ao desenvolvimento de pareamento com você. Uma vez que essa união se formou, ela irá rejeitar outras pessoas e procurará ficar com você cada vez mais, gradualmente perdendo as suas habilidades de brincar independentemente. Em segundo lugar, quando ela estiver em suas costas, ela não está aprendendo mais nada. Ela só está aprendendo a ser dependente. Portanto é importante encorajá-la a aproveitar uma variedade de locais para se empoleirar e interagir com brinquedos e oportunidades para forragear nesses locais. Ela não deve ficar empoleirada em suas costas ou colo por mais de 5 minutos uma ou duas vezes ao dia.

Com relação ao número 2: Um descuido ao se manter psitacédeos é a tendência de se focar somente em suas necessidades sociais. As relações sociais são apenas uma de suas muitas necessidades. Outras necessidades incluem banhos regulares, nutrição excelente, oportunidades de aprendizado, descanso adequado, visitas veterinárias anuais, ar fresco e banhos-de-sol, oportunidades para forragear, exercício, ficar fora da gaiola pelo menos de 3 a 4 horas por dia e se mover por poleiros variados no decorrer do dia, e se sentir segura. Portanto, conforme você a guiará até a idade adulta, você irá precisar garantir que todas essas necessidades sejam fornecidas.

Você pode ter que ensinar sua ave algumas destas habilidades importantes para viver. Por exemplo, se ela não gosta de tomar banho você pode ter que ensiná-la que tomar banho pode ser uma experiência agradável. Se ela não se mantém ocupada, você pode introduzir uma diversidade de brinquedos interessantes e oportunidades para forragear e então dar muitos elogios por interagir com eles. Se há algo no ambiente que a assusta, deve ser retirado se possível.

Uma das coisas mais importantes que você pode fazer por sua ave é assegurar que ela tenha muitas oportunidades de aprendizado. Eu recomendo os DVDs de treinamento da Barbara Heidenreich (www.parrots.org). Treinando comportamentos simples, tais como direcionar a atenção e dando uma volta seguindo um comando, é uma maneira maravilhosa de proporcionar enriquecimento para um psitacédeo de estimação enquanto se satisfaz a sua necessidade de aprender coisas novas.

Em relação ao número 3: Não existe lugar numa relação entre um humano e um psitacédeo em relação a conceitos como controle ou dominância. Ao abraçar esses conceitos se irá levar a interações onde você escolhe usar coerção ou outros comportamentos que irão resultar numa falta de confiança dela em relação

à você. A melhor maneira de mantê-la tão mansa como é agora é aprender como o comportamento funciona e então direcionar o comportamento dela utilizando reforço positivo.

A verdade é que todas as criaturas se comportam de maneira a conseguir o que querem. Um humano não irá continuar a trabalhar num emprego difícil a não ser que receba um pagamento. Um cachorro não irá vir quando chamado a não ser que ele antecipe que boas coisas irão acontecer quando fizer isso. Um psitacídeo não irá continuar a subir na mão a não ser que exista um “pagamento” presente naquela experiência.

Muitos psitacídeos desenvolvem problemas de comportamento simplesmente porque o dono reage quando o comportamento acontece, e essa atenção social pode ser um reforço poderoso. Eu recomendo que você tenha o hábito de se perguntar continuamente, “O que eu estou ensinando para ela no momento?”. Se ela fizer um som que você não goste, você deve ignorar completamente. Se ela falar, e isso é algo que você quer que ela faça mais freqüentemente, você deve responder imediatamente com um “Boa menina!” e uma guloseima pequena.

A melhor maneira de manter a cooperação com um psitacídeo é garantir que você recompense todos os comportamentos desejados, especialmente os comportamentos sob comandos. Isso significa que toda vez que ela subir em sua mão quando você pedir, ela imediatamente recebe alguma recompensa que ela acha valiosa. Pode ser uma guloseima, tal como pedaço pequeno de noz ou semente de girassol. Pode também ser uma carinho na cabeça ou um brinquedo.

Observe ela cuidadosamente para descobrir o que ela mais gosta e então utilizar isso. Tente também ter uma variedade de recompensas, de modo que o que ela faz não a deixa entediada. Sair da sua mão também deve ser recompensado, e toda vez que ela voltar para a gaiola, ela deve receber uma recompensa que valorize muito. Toda vez que você pedir que ela faça alguma coisa, ela deve receber alguma forma de reforço.

Seguindo essas dicas você irá criar um papagaio feliz, saudável, bem ajustado e obediente. Além do mais, ela irá escolher alegremente em cooperar com você e você nunca precisará se preocupar em manter o “controle”. Obrigado por essa maravilhosa oportunidade de discutir a prevenção de problemas!

Fotos

Uma vida bem ajustada para esses Papagaios-do-Congo juvenis requer uma compreensão de suas necessidades sociais e físicas básicas.

Dê a sua ave uma diversidade de brinquedos interessantes e oportunidades de forrageamento e proporcione muitos elogios pela interação com eles.

PsittaNews

Bom trabalho

Ofir Drori, o fundador da Organização último Grande Primata (LAGA) recebeu o prêmio Futuro para a Natureza. A LAGA protege os grande primatas, elefantes, e outras espécies ameaçadas pela caça ilegal. Ele também tem sido um grande parceiro com o WPT ao realizar grandes apreensões de Papagaios-do-Congo e prepará-los para soltura.

O prêmio Futuro para a Natureza é dado a indivíduos por trabalhos internacionais fora do comum na proteção de espécies. O prêmio reconhece os indivíduos que exemplificam uma ação conservacionista que é empreendedora, inovadora, tem impacto e molda o futuro da conservação. Ao reconhecer que as ações necessitam modificações, esse prêmio reconhece o poder de indivíduos e sua influência na conservação de espécies.

Parabéns Ofir!

Lançamento do RIO para arrecadar recursos

A sócia do WPT Debbie Johnston realizou um encontro para levantar recursos na abertura do filme Rio, sendo um tremendo sucesso, conseguindo 300\$ para o Trust em somente duas horas!

Obrigado Debbie!

Parrot news

Traficantes de ovos de psitacídeos são presos

A polícia eslovaca, em cooperação com colegas da Áustria e Alemanha, confiscaram o maior número de ovos contrabandeados na história da União Européia. O carregamento ilegal continha 74 ovos de papagaios Amazona criticamente ameaçados e foram colocados sob proteção estrita.

Os ovos confiscados foram levados para um zoológico em Schonbrunn em Viena, e 54 papagaios eclodiram desde então. Não sabemos ainda que espécies são. Fique ligado para fotos de filhotes na PsittaScene.

Fonte: <http://spectator.sme.sk/>

Árvore genealógica da família do Papagaio-tigre

Os pesquisadores descobriram que os Papagaios-tigre das florestas da Nova Guiné – assim chamados pela plumagem listrada- não são, como se aceitava comumente, relacionados a um grupo de Rosellas encontrados na Austrália e Oceania, nem similares a grupos encontrados na Ásia e África.

Na última edição da Molecular Phylogenetics and Evolution, eles relatam que os Papagaios-tigre ocupam, ao invés disso seu próprio poleiro na árvore evolucionária dos psitacídeos. O co-autor Dr. Leo Joseph disse que a descoberta irá aumentar nosso entendimento de como os psitacídeos evoluíram. A equipe de pesquisa tem procurado entender as verdadeiras conexões de psitacídeos tais como o Papagaio-noturno e os Papagaios-tigre na sua história ecológica e evolucionária de psitacídeos encontrados no continente australiano.

“Durante nossa pesquisa com esses excêntricos psitacídeos da Austrália e Nova Guiné, afirmamos que os psitacídeos australianos estão longe de serem um grupo coeso. Ao invés disso eles parecem ser constituídos de aproximadamente cinco ramos diferentes da árvore evolucionária de psitacídeos, “ disse o Dr. Joseph.

Fonte: CSIRO

Fala do Papagaio-do-Congo

Uma pesquisa recente feita por cientistas na Unversidade da Georgia demonstrou, pela primeira vez que um Papagaio-do-Congo pode desenvolver uma compreensão mais aprofundada de sons – palavras para nós – do que os pesquisadores achavam anteriormente. A descoberta foi publicada recentemente no Journal of Comparative Psychology.

A equipe de pesquisa estudou um Papagaio-do-Congo chamado Cosmo que vive com a Professora Betty Jean Craige da UGA. Para estudar os efeitos do conceito social nas vocalizações espontâneas de papagaios, a equipe gravou Cosmo em quatro contextos sociais diferentes. Primeiramente, Craige começou gravando Cosmo e saiu de casa pelo resto da sessão. Em segundo, Craige interagiu com Cosmo na sala normalmente. Terceiro, Craige estava em uma sala ao lado interagindo normalmente com Cosmo através da voz. E finalmente, Craige e Colbert-White estavam na mesma sala com Cosmo estimulando o diálogo e ignorando Cosmo.

A análise dos resultados mostrou que a produção espontânea de vocalizações de Cosmo mudou significativamente através das quatro interações sociais. Eles também indicaram que a produção vocal de Cosmo é amplamente afetada pela presença e resposta de parceiros sociais em seu ambiente.

Cruzeiro dos admiradores de psitacídeos 2011

Aprenda em conjunto - Explore em conjunto - Aproveite em conjunto

Voltando a pedidos – o terceiro Cruzeiro dos admiradores de psitacídeos! Não perca essa oportunidade de viajar e aprender em conjunto! Não existe nada igual para os amantes de psitacídeos!

Duas ótimas excursões: Natural Encounters Tampa, Florida e Belize Bird Rescue, Belmopan, Belize.

Três ótimos palestrantes: Dr. Susan Friedman, Steve Martin e Joanna Eckles.

Ótimos portos: Belize, Isle of Roatan, Cozumel and Costa Maya.

Você irá conhecer novos amigos que compartilham seus interesses. Nós iremos fazer reuniões, rifas, jogos e seminários além de excursões fantásticas e exclusivas para você e sua viagem beneficia o WPT.

A agente de viagem, Carol Cipriano ficará feliz de tê-lo a bordo.

Web : www.parrotloverscruise.com

Tel : Carol Cipriano +1 570-470-0034

Email : carolstravelttime@gmail.com

Novidade! Um lugar para achar muitas outras coisas!

Exclusivamente para os leitores da PsittaScene, ache todas as informações, fotos e recursos que não puderam ser incluídos nessa incrível edição.

Acesse para descobrir mais:

- Relato completo sobre os Papagaios-de-Porto-Rico
- Artigos anteriores sobre as Araras-de-garganta-azul
- Mais fotos incríveis das Araras-piranga
- Mais fotos dos Apuins-de-costas-pretas
- Mais respostas às suas perguntas

www.psittascene.org